



Berlim, 22 de junho de 2020

Internacionalização e o "complexo de vira-lata"

Escutamos recentemente: "*falar der internacionalização de fato parece aos empresários algo do outro mundo*". A afirmação se refere ao fato que empresários brasileiros mal exportam e muito menos estabelecem estruturas transnacionais de empresas brasileiras.

Isto também tem a ver com a confusão conceitual que ocorre no Brasil. Enquanto o mundo inteiro entende internacionalização de empresas como o estabelecimento de estruturas empresarias transnacionais, o Brasil insiste em aplicar conceitos ultrapassados que qualificam uma simples exportação como internacionalização.

O inverso aparenta óbvio: ninguém no Brasil fala de atração de investimento estrangeiro e entende isto como uma mera atração de importações estrangeiras. Assume-se intrinsecamente que o investidor estrangeiro estabeleça estruturas físicas no Brasil.

Esta disparidade conceitual evidencia gritantemente o "complexo de vira-lata" brasileiro. Este consiste na aplicação de dois pesos e duas medidas: espera-se concomitantemente algo de um investidor estrangeiro, mas não se espera o mesmo de uma empresa brasileira.

Alguém já parou para pensar por que uma empresa estrangeira estabelece estruturas transnacionais no Brasil? Será que é porque o Brasil é um país estruturado e bajulador do empresário estrangeiro? Não, de forma alguma!

O Brasil é um dos ambientes mais hostis para um empreendedor internacional. Isto tem a ver com o risco e custo Brasil que todos certamente conhecem.

Atração de investimentos também não é algo recente. Gerações de empresários internacionais já se deram mal no Brasil. Isto se reflete na reputação internacional do nosso país.

O Brasil é um país lindo e maravilhoso no papel. No entanto, a prática é tropicalizada e assustadora: tributação, burocracia, CLT, juros bancários, insegurança jurídica, etc. Isto sem falar em custos absurdos e uma mentalidade pirata de depredação do investidor estrangeiro: "vamos meter a faca no gringo!". O Brasil definitivamente não é para amadores.

O investidor estrangeiro não vem ao Brasil para fazer caridade. Muitos tem ciência que eles vem para um campo de batalha. Os interesses do investidor estrangeiro são puramente egoísticos em um contexto corporativo. A título de entendimento: não existe nada de errado nisso. Mas não sejamos ingênuos: a geração de empregos e o pagamento de tributos são efeitos colaterais. O investidor estrangeiro vem para ganhar dinheiro!

Agora, o que o empresário estrangeiro pode que o empresário brasileiro não pode? O empresário brasileiro que visa estabelecer estruturas transnacionais na Alemanha, por exemplo, não vai para um ambiente de pancadaria. As coisas são muito mais civilizadas do que se imagina.

Quando comparados ao Brasil, os ambiente internacionais chegam a apresentar condições paradisíacas: tributação limitada, segurança jurídica, ambiente estimulador de negócios, etc.

Portanto, o que atrapalha não é o ambiente internacional, mas sim o "complexo de vira-lata" na cabeça do empresário brasileiro.

Isto se reflete no mito que tudo pelo mundo afora é difícil. O resultado é o auto-confinamento do empresário brasileiro no ambiente nacional em detrimento da internacionalização de empresas brasileiras.

Precisamos promover uma mudança de paradigma e parar de medir com dois pesos e duas medidas. Precisamos continuar atraindo investimentos e ao mesmo tempo promover ativamente o estabelecimento de empresas transnacionais brasileiras.

Para tanto, também precisamos superar o "complexo de vira-lata" na cabeça de quem fala equivocadamente de internacionalização de empresas e entende isto como mera promoção das exportações, sem qualquer concepção para o estabelecimento de empresas transnacionais brasileiras.

Denota-se claramente uma certa resistência na promoção de corporações transnacionais brasileiras.

Isto provêm de uma época em que raramente uma empresa brasileira se transformava em uma corporação transnacional. Afirmações no Brasil eram do seguinte gênero: *Vamos deixar isto para as multinacionais estrangeiras. Empresas brasileiras não tem capacidade de competir no ambiente internacional.*

Outro equívoco severo: *Não vamos promover empresas transnacionais brasileiras. Com isto estaremos promovendo atividades fora do Brasil que não trarão benefícios à economia brasileira.*

Não existe equívoco maior. Empresas estruturadas internacionalmente são fatores de geração de riqueza e desenvolvimento a nível nacional. Mas no Brasil ainda existem aqueles que não entenderam isto até hoje.

É imensamente gratificante constatar que existem empresários brasileiros que não se deixam impressionar pelo cenário acima exposto. Estes são os empresários com o verdadeiro sangue empreendedor.

Existem empresas brasileiras estabelecidas no exterior que demonstram claramente como é possível fazer a diferença. Basta verificar as publicações da Fundação Dom Cabras sobre a internacionalização de empresas brasileiras.

Nós também podemos constatar isto constantemente aqui na Alemanha. O nosso maior orgulho é ter idealizado e contribuído para a constituição de um *cluster* empresarial brasileiro em Berlim, na capital Alemanha. Com isto temos uma presença brasileira no centro de uma das maiores economias mundiais.

Tudo isto mostra que é possível quebrar os paradigmas do "complexo de vira-lata", ser disruptivo, inovador e contribuir para um empresariado brasileiro forte e pujante no contexto internacional. Só não internacionaliza quem não quer.

Abandone o "complexo de vira-lata" em sua cabeça e internacionalize com quem entende.

A Europa espera por você no CEBRAS!

Paulo Henrique Boelter,
Diretor Executivo do CEBRAS